

## A hipótese Tupi-Karib: uma apresentação

Yonne Leite  
CNPq/UFRJ  
Universidade Gama Filho

O estudo das línguas tupi tem um longo percurso, que se inicia com a Gramática da língua mais usada na costa do Brasil do Pe. José de Anchieta, publicada em 1595, um dos primeiros documentos sobre as línguas do Novo Mundo, precedido, na América do Sul, pela *Arte de la lengua general de los indios de los Reynos del Peru* e o *Lexicon o Vocabulario de la lengua general del Peru, llamada Quichua*, ambos de autoria do dominicano Frei Domingo de Santo Tomás e publicados em Valladolid, em 1560 e, nas Américas, pela *Arte de la lengua mexicana* (1547), na qual o padre franciscano Andrés de Olmos descreve o Nahuatl.

É também das línguas Tupi a classificação em que se usa, pela primeira vez no País, o método léxico-estatístico, proposto por Morris Swadesh (1952) que possibilita pelo percentual de cognatos oriundos do vocabulário nuclear permite precisar os graus de parentesco lingüístico entre línguas que se sabe aparentadas. Os seguintes graus são propostos: Família: mais de 36% de cognatos; Tronco, de 36% a 12 % de cognatos, Micro filo: de 14% a 4% de cognatos; Mesofilo 4% a 1% de cognatos; Macrofilo : menos de 1% de cognatos. Com base nessa metodologia, Rodrigues (1964), acrescentando uma categoria de subfamília, propõe um tronco Tupi formado de 07(sete) famílias: (1). Família Tupi-Guarani (com a subfamília Tupi e a subfamília Guarani); (2) Família Juruna; (3) Família Juruna; (4) Família Arikem; (5) Família Tupari; (6) Família Ramarama; (7) Família Mondé; Família Puruborá. A Família Tupi-Guarani é a que contém o maior número de línguas. A proposta foi sendo reformulada e mesmo abandonada por descrédito do método e devido ao avanço da documentação, produzida depois do advento da pós-graduação, mas tem assim mesmo um valor histórico significativo. A família Tupi-Guarani, além de ser a mais estudada, uma vez que na listagem de teses e dissertações defendidas até o ano 2000, organizada por Lucy Seki e reproduzida por Leite e Franchetto (2006), são arroladas 16 (dezesesseis) línguas da família Tupi-Guarani, em contraposição às 08 (oito) da família Karibe, é a que dispõe não só do estudo glotocronológico, mas também de uma reconstrução de um proto-sistema fonológico e de uma classificação genética fundamentada em mudanças compartilhadas. (Lemle, 1971). A classificação proposta por Lemle, bastante citada, divide a família tupi em dois grupos: o grupo A, composto do Asurini, /Guajajara, Parintintin e Urubu e o grupo B composto do Guarani, Guarayo, Sirionó, Kokama e Tupinambá. O grupo A se distingue do grupo B pela mudança compartilhada *\*py> ce* e o Asurini e Guajajara se distingue do Parintintin, Kamayurá e Urubu pela perda da nasalidade vocálica e mudança do sistema fonológico. Assim as únicas mudanças compartilhadas pelo Parintintin, Guarani e Urubu são as que separam o grupo A do Grupo B. No grupo B, o Guarani, Guarayo e Sirionó, línguas Guarani têm as mudanças compartilhadas de perda da consoante final e *ti>ci, si*. A fragilidade da metodologia adotada por Lemle vem do fato de que o Tapirapé, embora partilhando das mudanças que separam o grupo A do B e tenha também um sistema em que ocorre a mudança do *\*a*, o que o aproxima do Asurini e Guajajara, não pode ser incluído nessa classificação por manter a nasalidade, diferentemente do Asurini, Guajajara que a perdem. Além disso também tem a mudança característica do subgrupo B de fricativização do *\*ti*. Além disso, Soares (1979) demonstra

que a perda da nasalidade não é uma mudança compartilhada, uma vez que documentos históricos demonstram que a desnasalização ocorreu em tempos diferentes nas duas línguas.

Há assim na literatura várias propostas e tentativas mal sucedidas de uma classificação genética da família Tupi. O primeiro contato do Tupinambá com os europeus se deu no início do século XVI, o Karib cuja colonização se inicia nas pequenas Antilhas da Venezuela e nas Guianas, 100 anos mais tarde, no século XVII. Sua documentação mais extensa é do Pe. Pierre Pelleprat sobre a língua Galibi das Guianas (1653?). Considerando-se o rio Amazonas como um ponto de referência os Karib, estão divididos como Karib do Norte que compreende os grupos situados ao norte do Rio Amazonas e Karib do sul, que se refere aos grupos situados ao sul. Esta divisão geográfica é mantida na classificação mais conhecida das línguas Karib, a de Marshall Durbin (1985). A família Karib foi considerada uma família isolada, sem relação com nenhuma outra. A primeira proposta de relação genética com outras famílias foi a de Joseph Greenberg que reúne as famílias Jê, Karib e Pano num filo considerando que cada um deles constitui um bloco: Macro Jê constituído da família Jê, do Kaingang, do Karajá, do Botocudo), Macro Karib e Macro Pano. Greenberg, porém não apresenta evidências robustas para sua proposta, que tem recebido várias críticas.

A Associação Brasileira de Linguística programou como mesa redonda o exame de uma nova proposta bem ousada: a da conexão Tupi-Karib, iniciativa mais uma vez do sempre inovador Aryon Dall'Igna Rodrigues, professor titular, sem ônus, da Universidade de Brasília, Doutor em Linguística pela Universidade de Hamburgo, Alemanha com a tese intitulada *A fonologia da língua Tupinambá*, autor de uma longa bibliografia sobre línguas indígenas brasileiras, principalmente das línguas tupi e Sergio Meira da Santa Cruz de Oliveira, doutor em Teoria e análise Linguística pela Rice University, Estados Unidos da América com a tese *A Grammar of Tiriyó*, que recebeu o prêmio anual Mary Haas de melhor tese sobre línguas indígenas do ano, pós-doutorado no Instituto de Psicolinguística Max Planck, Alemanha, especialista em línguas Karib, com um número significativo de artigos publicados entre os quais se inclui a reconstrução da fonologia segmental do proto Karib (Oliveira e Franchetto, 2005)

A escolha do tema não é de interesse apenas dos especialistas em línguas indígenas. Trata-se de uma questão de âmbito muito maior que pode lançar luzes sobre a pergunta que perdura na humanidade por séculos e séculos: *quem somos , de onde viemos*

#### *Referências Bibliográficas*

- DURBIN, Marshall 1985. A survey of Carib Languages. In Harriet E. Manelis Klein e Louise R. Stark (eds) *South American Indian Languages*. Austin: The University of Texas Press, pp. 325-370.
- LEMLE, Miriam, 1971 Internal classification of the Tupi Guarani linguistic family. In: David Bendor-Samuel, (Ed.). *Tupi studies I*. Norman: University of Oklahoma: Summer Institute of Linguistics, pp. 107-129.
- OLIVEIRA, Sergio de Santa Cruz de e FRANCHETTO, Bruna 2005. The Southern Cariban Languages and the Cariban Family. *International Journal of American Linguistics*, v. 71: 127-192.
- RODRIGUES, Aryon. Dall'Igna 1964 A classificação do tronco lingüístico Tupi. *Revista de Antropologia* vol 12, n<sup>o</sup>.1 e 2.: 99-104.

- 
- Evidence for Tupi-Carib Relationships. In Harriet E. Manelis Klein e Louise R. Stark (eds) *South American Indian Languages*. Austin: The University of Texas Press, pp. 405-439.
- SOARES, Marília Lopes da Costa Faço 1979 *A perda da nasalidade e outras mutações vocálicas em Kokama, Asuriní e Guajajara*. Tese de Doutorado, Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- SWADESH, Morris 1952 Lexico-statistic Dating of Prehistoric Ethnic Contacts *Proceedings of the American Philosophical Society*. Vol. 96, n.º 4: 452-463.